

Lauro António



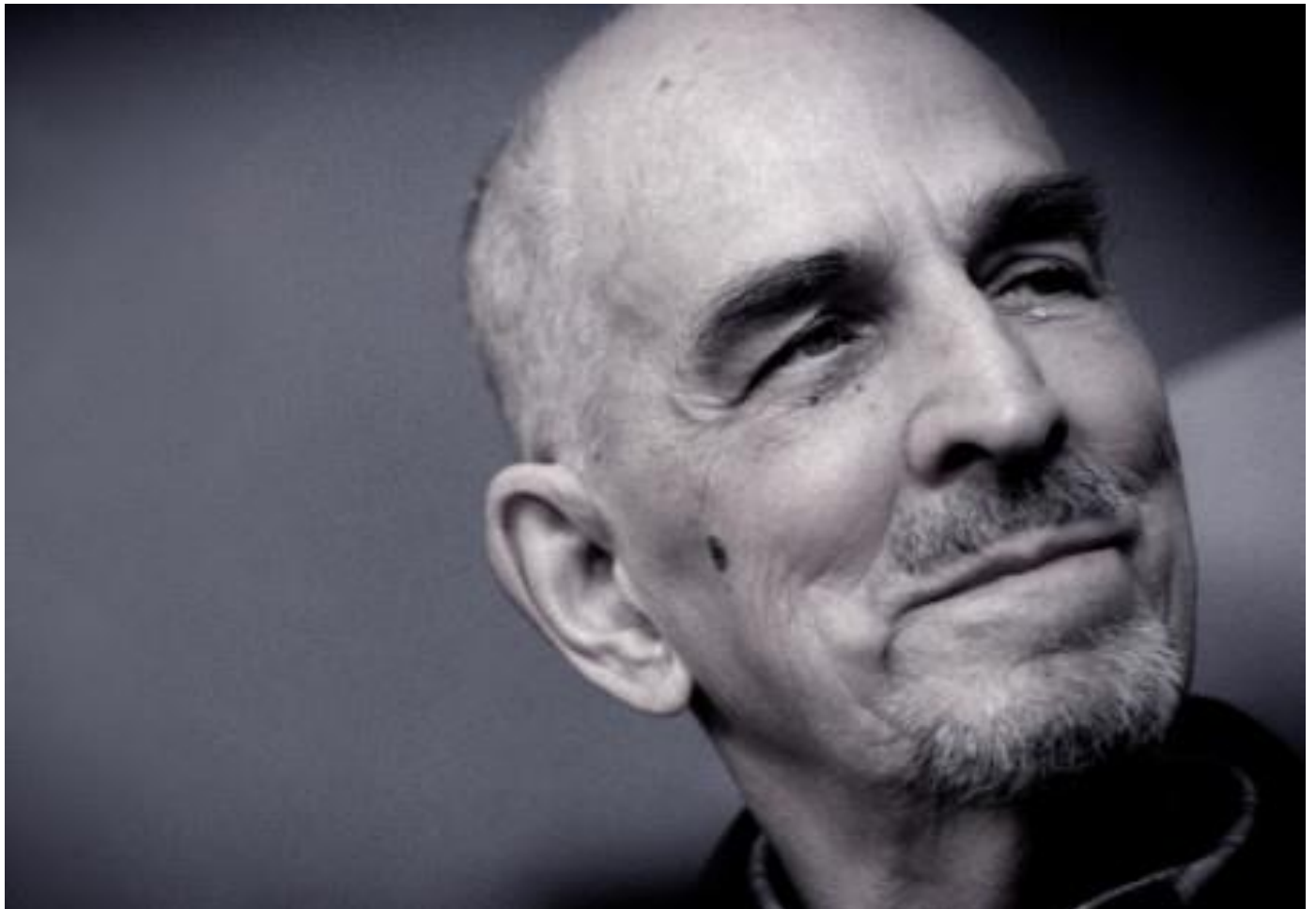
Filmes que Eu Amo, III

Masterclass de História do Cinema

Sessão 12 – 17 de agosto de 2021 | MORANGOS SILVESTRES (1957)

1. A PRIMEIRA MASTERCLASSE

“Morangos Silvestres”, de Ingmar Bergman, foi o filme escolhido por mim, para representar a cinematografia sueca, quando, em 2011, iniciei em Oeiras uma série de masterclasses a que dei por título “Os Cinemas da Europa”. A ideia desta masterclass era “apresentar cada um dos 49 países da Europa, falando da sua História, geografia, política, e da história do seu cinema, escolhendo um filme especial, de um realizador particularmente significativo, para sobre ele se analisarem alguns aspectos da cultura do país e dos seus problemas”. Na altura, o mapa da Europa era constituído por 49 países, dos quais 27 pertenciam à CE e 3 se candidatavam a sê-lo.



A 5 de Abril de 2011 iniciou-se a masterclass, que começou pela Alemanha, com um filme de Fritz Lang, precisamente “Matou”. Seguiram-se a Polónia, com Roman Polanski, e “O Pianista”, a França, com Jean Renoir e a sua “A Grande Ilusão”, chegando então a vez da Suécia, com Ingmar Bergman e “Morangos Silvestres”. Quase cinquenta obras, das mais significativas da História do Cinema. Recordemos apenas algumas: da Dinamarca, Carl Dreyer e “A Palavra”, da Áustria, Michael Haneke e “O Laço Branco”, da Sérvia, Emir Kusturica e “Gato Preto, Gato Branco”, da República Checa, Milos Forman e “O Baile dos Bombeiros”, de Chipre, Michael Cacoyannis e “Zorba, o Grego”, de Espanha, Luis Buñuel e “Viridiana”, da Suíça, Alain Tanner e “A Cidade Branca”, de Portugal, Manoel de Oliveira e “Non ou a Vã Glória de Mandar”, da Lituânia, Sharunas Bartas e “Três Dias”, de Inglaterra, David Lean e “Breve Encontro”, de Itália, Luchino Visconti e “O Leopardo”, da Holanda, Paul Verhoeven e “Livro Negro”, da Rússia, S. Eisenstein e “Alexandre Newky”, da Irlanda, Stephen Frears e “O Meu Pé Esquerdo”, da Grécia, Theo Angelopoulos e “O Olhar de Ulisses”, da Bélgica, Jean-Pierre e Luc Dardenne e “A Criança”, da Hungria, Istvan Szabó e “Mefistofeles”, ou da Finlândia, Aki Kaurismäki e “Nuvens Passageiras”, entre muitas outras dos restantes países, quer se tratassem de membros da CE ou não.

“Em termos de cinema, que Europa é esta?”, esta era a pergunta que agitava esta masterclass, numa altura em que muito se discutia a Europa e o seu futuro.

Nessa altura eu escrevia: “A União Europeia, tal como a conhecemos hoje, é uma utopia. Uma união de povos que tendam à concórdia, que se regularizem entre si, que resolvam potenciais conflitos, que reúnam esforços para aparecerem como um parceiro político e económico mais forte e vantajoso, em que o resultado final seja superior à soma das partes. Como utopia não está mal, mas eu, com a idade que tenho, não acredito em utopias. A minha utopia é outra, muito mais comezinha e pragmática: não acredito em paraísos na terra, que a condição humana não me consente, mas acredito em mudanças graduais que vão melhorando as condições de vida e adequando-as aos tempos novos. A História dá-me razão, a evolução é um facto, e a mesma condição humana que não me permite acreditar em milagres, força-me a confiar neste pragmatismo”.

“A identidade europeia terá de ser, assim, algo que se crie, que se estabeleça porque todas as partes a desejam. Creio que cada uma, e todas elas, só desejará uma identidade colectiva que respeite e promova a identidade individual de cada uma. Sobretudo no que diz respeito a questões históricas, linguísticas, culturais. Essa realidade colectiva que pode ser a União Europeia terá como uma das referências maiores da sua identidade precisamente este aspecto: uma integração económica e política conjunta, mas respeitando o ADN de cada estado membro”.

“Esta integração “económica e política conjunta” levanta, aliás, uma outra questão cuja deficiente resolução, julgo, tem constituído a base de todos os problemas que a EU tem enfrentado ultimamente. Uma integração “económica e política conjunta” não pode ser injustamente desigual, não pode haver distinções entre “Norte” e “Sul”, entre “economias avançadas” e “estados periféricos”. O euro na Alemanha não pode valer mais do que o euro na Grécia. Na realidade objectiva todos sabemos que o seu valor é o mesmo. Acontece que na Alemanha um operário ganha muitos mais euros do que o mesmo operário na Grécia. Dir-me-ão que as casas custam também mais euros na Alemanha do que na Grécia. Seja, mas uma integração “económica e política conjunta” não pode permitir-se estas desigualdades. O peixe miúdo fica à mercê dos tubarões. Portugal, por exemplo, não tem força negocial perante a Alemanha ou a França, que querem vender os seus produtos e impor cotas. As negociações interpares mais parecem distribuições de esmolas à porta da igreja em dia de comemoração pascal. O que não é justo nem permite essa igualdade de estatuto que teria de ser rigorosa”.

Antes da integração, deveria ter-se estudado uma fórmula que permitisse a todos os países “integrados” possuírem a mesma moeda, mas igualmente os mesmos valores: um professor do básico ganharia o mesmo ordenado em qualquer país, um determinado carro da x marca tinha o mesmo preço, os impostos eram idênticos, as regalias sociais as mesmas. Certamente que teria de haver pequenas oscilações no peixe ou na carne, na fruta ou nos legumes, que abundavam mais aqui e escasseavam mais além. Mas essas variações não permitiriam as injustiças flagrantes que hoje imperam. Esta União Europeia com cidadãos de primeira e outros de segunda não augura nada de bom. Como não teria resultado nos EUA se os habitantes de Nova Iorque e os de Dallas não recebessem remunerações idênticas, pagassem os mesmos impostos e tivessem os mesmos direitos”.

“A ideia de UE terá, portanto, de ser repensada e reestruturada se quiser vingar. Terá de se adaptar a novos tempos, à globalização, e aos perigos das agências de rating. Terá de consolidar os seus próprios mecanismos de defesa perante as ameaças externas que cada vez serão maiores e mais violentas, vindas sobretudo do capital internacional (digo capital e não capitalismo, pois as ameaças tanto vêm dos EUA como da China, da Índia ou do Brasil)”.

“Há um outro problema curioso a ter em conta: o mundo Ocidental desenvolveu-se a um ritmo frenético, sobretudo à custa da sua tecnologia, é certo, do seu trabalho e talento, é certo, mas igualmente pela exploração do chamado “terceiro mundo”, que acordou e agora são as chamadas “economias emergentes” (pelo menos nalguns casos). A verdade é que a Europa e o mundo ocidental viveram acima das suas posses, com privilégios que só foram conseguidos e mantidos à custa de terceiros. Esses terceiros agora querem cobrar, e com razão. A Europa tem de perceber que a partir desta crise de 2008 (tão grave ou mais do que a de 1929) nunca voltará a ser o que era. Terá de se acomodar e de arranjar as melhores soluções para dividir privilégios com outros. Terá igualmente de lutar, sobretudo intelectualmente e moralmente, para que os privilégios que perdeu e vai perder sejam distribuídos pelos povos oprimidos até aqui, e não pelas cliques políticas e económicas que dominam esses povos, quer estejam na América Latina ou na China, na Índia ou no Paquistão, em Angola ou no Zimbabué”.

“Depreender-se-á destas palavras que sou anti-europeísta? Só por manifesta incapacidade de exprimir as minhas convicções poderia passar essa mensagem. Sou um europeísta convicto e julgo que a UE pode e deve ter um papel importante no presente e no futuro. Julgo que a adesão de Portugal foi benéfica em vários sentidos, sobretudo na modernização das estruturas físicas, mas nas mentalidades igualmente. Penso que foram desbaratadas muitas hipóteses que se nos depararam, por incompetência e, sobretudo, ganância e corrupção (o que não é apanágio dos portugueses, apesar do muito que por aí se diz; o mesmo aconteceu, e acontece, sobretudo agora no leste europeu). Deveríamos ter investido mais na efectiva educação e cultura, e menos em rotundas e obras de fachada, que se destinaram apenas ao lucro de alguns patos bravos (com as inúteis obras que hoje são elefantes brancos de estimação) e de outros tantos políticos por interpostas pessoas. Não sou contra auto-estradas e viadutos essenciais para aproximar os portugueses e favorecer os negócios e o intercâmbio. Sou contra o desperdício. A corrupção. O compadrio. Se a maioria dos euros vindos da UE tivesse sido criteriosamente utilizados, Portugal poderia ter avançado muito mais e não estar a atravessar a crise que agora cruza dramaticamente”.

“Mas também devo acrescentar que não tenho em tão mau juízo o conjunto da classe política portuguesa e, sobretudo, nem sempre aqueles que são os mais apontados a dedo. Claro que existem incompetentes e corruptos, como em todo o lado (veja-se a Europa actual: é um faltar vilanagem!), mas também existe muita gente boa e devotada à causa pública. A grande ameaça à estabilidade de Portugal, da Grécia, da Irlanda, e dos seus seguidores, se não puserem cobro a esta sanha persecutória das agências de rating internacionais, a grande ameaça à ideia de União Europeia, a grande ameaça à América de Obama e da escola pública e do serviço nacional de saúde, aqui e lá, são efectivamente os mercados de capital, que, de forma absolutamente delirante, causam a crise através da mais boçal avidez e depois se arvoram em juizes dos demais”.

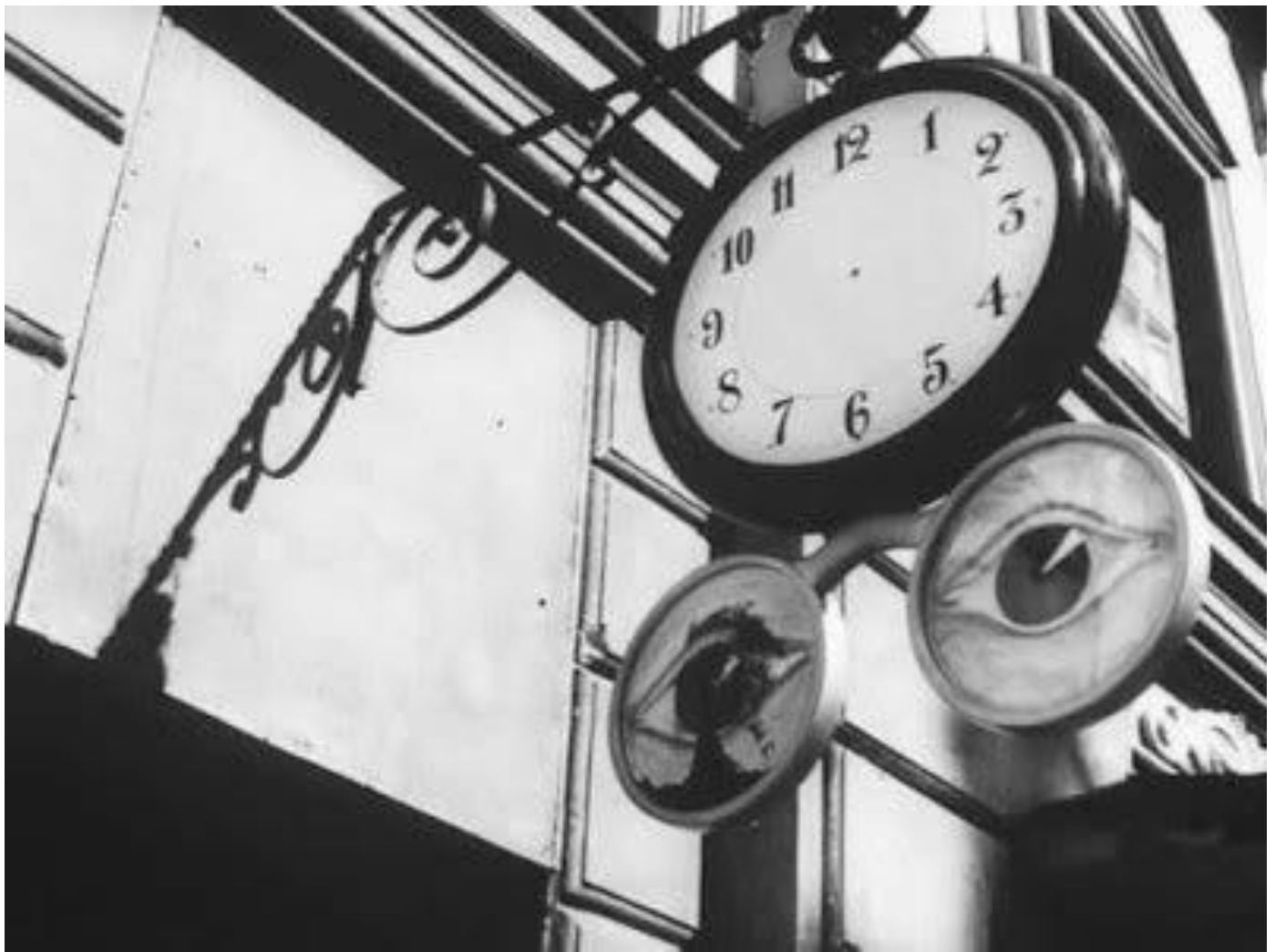
“A resposta da Europa a esta crise vai ditar o seu futuro. Tem sido temerosa e inconsistente. Faltam realmente políticos europeus experimentados à altura da crise. Mas o futuro da UE e do euro joga-se todos os dias nesses areópagos desinspirados. A Europa tem de encontrar a sua identidade futura nestes dias de incerteza ou então naufragar na desintegração, o que pode ser extremamente perigoso depois de uma crise como esta. As ideias de nacionalismo extremado, o avanço dos partidos extremistas, de esquerda e de direita, a gravidade da situação económica e social, a proliferação de emigrantes são alguns aspectos que podem vir a constituir uma mistura explosiva e de efeitos devastadores. Esta crise que atravessamos é tão séria ou mais do que a desencadeada pelo “crash” de 1929. Esperemos que as consequências não sejam tão graves como as que se seguiram na década de 30, e que culminaram com a II Guerra Mundial”.

Pensava e escrevia assim, em 2011. Custa-me muito ver que tinha razão em muitos aspectos. Sobretudo assistindo ao que passa presentemente na Europa, e no mundo, com ameaças bem concretas a cada esquina. Foi nesse ano, igualmente, que escrevi o texto que a seguir se transcreve do volume que reuniu as folhas de sala de “Os Cinemas da Europa”.

2. MORANGOS SILVESTRES



“Morangos Silvestres” é um dos principais filmes de Ingmar Bergman e um dos que melhor perspectiva os seus temas centrais, que circulam em redor da solidão e da presença da morte, das recordações da infância e da ausência do amor, da angústia da existência num mundo sem Deus, da interrogação sobre o destino do homem. Tudo temas filosóficos, metafísicos, que colocam Bergman entre os grandes cineastas que trouxeram ao cinema uma maturidade intelectual e artística indiscutível.



Neste aspecto, o trajecto de “Smultronstället” é paradigmático de toda a obra do autor. “Road movie” que assinala o percurso no interior da Suécia, entre Estocolmo e Lund, é igualmente uma viagem pelo interior de uma personagem e de uma vida. O professor de medicina Isak Borg (Victor Sjöström) tem agora 78 anos, acordou depois de uma noite mal dormida, atormentada por sonhos. É um solitário que vive numa casa em Estocolmo, com Agda (Jullan Kindahl), uma governanta fiel e dedicada, e um cão. O filho, igualmente médico, vive e trabalha em Lund. A mulher morreu há anos, resta um retrato sobre a secretária, mas a mãe permanece rija e seca nos seus intratáveis 96 anos, habitando uma outra solitária casa. Nesse dia, às 5 da tarde, Isak irá receber o jubileu pelos seus 50 anos de carreira médica e docente. Tinha combinado com a governanta ir de avião, mas de manhã muda de ideias e prefere ir de carro, com a nora, Marianne (Ingrid Thulin), que se encontra em sua casa, refugiada, depois de uma querela familiar: está grávida, quer o filho, mas Evald Borg (Gunnar Björnstrand), o marido, colocou-a perante um dilema, ou ele ou o filho. Nesse dia também ela quer regressar a Lund e aproveita a boleia do sogro.

Mas o velho médico acordara sobressaltado com um estranho sonho, que é igualmente uma das mais belas e inquietantes cenas da história do cinema. Num preto e branco contrastado, recordando obras de surrealistas e expressionistas, o sonho revela-se aos nossos olhos: Isak penetra numa rua desconhecida da cidade e pára diante de um relógio sem ponteiros. O seu relógio pessoal também se encontra do mesmo modo, mas a banda sonora é compassada por um tiquetaque lúgubre, que tanto pode ser o de um relógio como o bater de um coração. A rua está solitária, mas, mudando de perspectiva, vê-se um homem de costas, a quem Isak se dirige. Ao voltar-se percebe-se que este não tem olhos, e cai morto no chão. Do fundo da rua surge então um carro fúnebre, negro e solene, puxado por cavalos. Avança até que uma das suas rodas embate num candeeiro, impedindo a continuação da viagem. A roda solta-se, o carro continua encalhado, o caixão resvala para o chão e abre-se, dele saltando um braço e uma mão. Ao aproximar-se, Isak é preso por essa mão e descobre que dentro do caixão está ele próprio.

Iniciada a viagem, Isak quer saber da razão de Marianne ter deixado Lund. Pergunta-lhe se gosta dele. Marianne responde-lhe secamente que “apenas o conhece como sogro”, e acrescenta que o acha “completamente egoísta e cruel”. Pensa-o frio e distante, alheado dos dramas alheios e até dos próprios. Se alguém lhe coloca questões emocionais responde que “não quer saber de masturbações mentais. Se precisas de auxílio recorre ao psiquiatra ou ao padre.”

Primeira paragem na viagem. Isak pergunta a Marianne se o quer acompanhar. Aquela era a casa onde a família passava os verões da sua infância e adolescência. Era uma família numerosas, dez irmãos. Ainda recorda os “morangos

silvestres” ali recolhidos. Perante os seus olhos iluminados pelas recordações, aparece-lhe Sara (Bibi Andersson), no esplendor da sua juventude, quando ele a amara e havia um acordo tácito para casamento futuro. Mas Isak recorda o desejo de Sara pelo primo Sigfrid (Per Sjöstrand) que a levou a preteri-lo. O olhar é de nostalgia pelo tempo perdido e de dor pela amada desencaminhada. Sara chora também a desilusão de Isak, que considerava um homem bom, mas não resistia ao impulso do desejo da carne. As recordações evoluem depois pelos pequenos-almoços em família e os anos do Tio Aron, a quem Sara oferecera morangos. Eram tempos de quietude na natureza, de fugaz temeridade nos corpos. Do acolhedor calor estival e de uma fotografia deslumbrantemente branca e confortável.

É aqui que surge uma nova Sara (mas a mesma Bibi Andersson), que pede boleia ao professor para si e para dois amigos, Anders e Viktor (Folke Sundquist e Björn Bjelfvenstam) que irão funcionar daí em diante como alter egos de Isak e Sigfrid, disputando o amor de uma mesma mulher, Sara. Estrada fora, cruzam-se com um carro que provoca um despiste. No carro que avançava em direcção contrária encontram um casal em perpétuo conflito, não deixando ignorar o ódio que os une. A violência verbal e física justifica que ambos sejam convidados a abandonar a boleia que Isak lhes oferecera. Mas esta aparição terá igualmente uma função: recordar o próprio casamento de Isak e o clima de hostilidade vivido. Uma interrupção na viagem para meterem gasolina, permite ao gasoleiro (Max Von Sydow) e à mulher deste lembrarem a Isak os seus tempos de médico da região e evocarem-no com saudade e afecto. “Todos se lembram de si, professor”. Isak remata com alguma ironia. “Obrigado. Se calhar devia ter ficado por aqui.”

A paragem seguinte é em casa da mãe do velho professor, e é mais um momento que reflecte a frieza nas relações familiares. A nonagenária encontra-se bem, austera e seca, lamenta que nenhum dos cinquenta e tal membros da família, filhos, netos e bisnetos, a não visitem, e acrescenta que por vezes comunicam consigo, mas apenas quando precisam de dinheiro. Abre a caixa de recordação dos filhos, onde se amontoam fotografias amareladas pelo tempo. Isak Borg afasta-se da casa da mãe, mas as recordações não acabam. Espreitando do exterior o interior de uma sala de casa da alta burguesia, vê Sara e Sigfrid em redor de um piano, felizes. Súbito o interior apaga-se e surgem as nuvens do dia, reflectidas nos vidros da portada. Noite e dia confundem-se e as memórias também. Bate a uma porta e um prego saliente fere-lhe a mão. O corredor de uma escola, a sala de aula, crianças nas carteiras, mas o exame é de medicina. Não consegue ver num microscópio e identificar uma bactéria, nem decifrar um texto escrito no quadro negro, que o professor lhe explica ser “o dever principal” sob que se devem reger os médicos: “Pedir perdão”. É acusado. “Sou culpado de ter culpa?” Examina uma paciente e dá o veredicto: “Está morta!”, mas a paciente ri e o médico escreve no caderno: “Incompetente”. Insensibilidade. Crueldade.

Isak é conduzido depois perto da clareira de uma floresta, onde a sua mulher e um homem se encontram clandestinamente. Em tempos ele estivera ali e vira e ouvira tudo. Esta é uma cena capital no interior de “Morangos Silvestres”. Isak olha para o passado e ouve: “Muitos esquecem uma mulher que morreu há trinta anos, alguns guardam um doce retrato fugidio, mas você pode lembrar esta cena na sua memória. Parece estranho? Passou-se numa terça-feira, 1 de Maio de 1917. Você estava exactamente aqui, e ouviu e viu precisamente o que aquele homem e aquela mulher fizeram”.

O homem arrasta a mulher para o chão, deita-se sobre ela. No plano seguinte a mulher diz ao amante que vai chegar a casa e contar tudo ao marido. E antevê o que ele lhe irá dizer: “Pobre rapariga, sinto tanta pena de ti. Dirá isto exactamente como se fosse Deus Pai. E eu irei chorar e direi: tu tens realmente pena de mim. E ele dirá: eu sinto uma pena terrível de ti e, então, eu chorarei mais e perguntarei se ele pode esquecer-me, e ele dirá: não deverias pedir para te esquecer. Eu nada tenho a esquecer. Mas Isak não sentirá nenhuma destas suas palavras, porque ele é completamente frio. Não acredita em nada do que diz”.

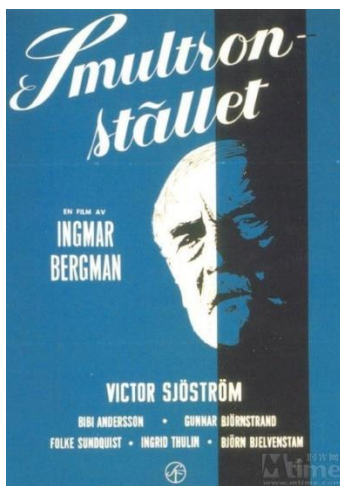
Castigo? A solidão. Momento para Isak acordar deste novo sonho: “Estou morto, aparentando estar vivo”. Marianne surpreende-se. Também o marido havia pronunciado palavras idênticas no dia em que se recusou a ter o filho, com a alegação de que “a vida é um absurdo, enoja-me até ao vômito.” Acusou-a de “ter a necessidade de se sentir viva e criar vida.” Ele “sentia-se morto.”

A viagem chega ao seu fim, Lund, a hora do jubileu, do pomposo cortejo, do cerimonial em latim. Depois o regresso a casa, a despedida dos três jovens que se afastam afectuosamente, tendo mesmo Sara confessado, “É de si que eu gosto”. Ao deitar, pede desculpa à governanta pelo mau humor da manhã. Esta surpreendida pergunta: “Está doente, professor?” “Não podíamos ser menos formais, Agda?”; “Não professor, tenho uma reputação a defender.” Mas não fecha a porta, que fica aberta: “Se precisar de mim, já sabe onde me encontra.” O filho e a nora regressam a casa, desejam-lhe boa noite, e Marianne beija-o e confessa-lhe, “Adoro-o, Isak”. É de novo com uma imagem da infância que parece acalmar, quando vê pai e mãe à beira de um lago, na quietude das belas férias de verão, no tempo em que se apanhavam morangos silvestres.

Todas as obsessões e fantasmas de um autor se encontram reunidas nesta obra-prima do cinema mundial, que mistura infância e velhice, amor e morte, desejo e frustração, realidade e fantasia, passado e presente. É uma vida (ou “a” vida) que se desenrola à nossa frente em hora e meia de viagem, olhada com delicadeza e pudor, com nostalgia e esperança, com ternura e crueza. O bisturi de Bergman penetra profundamente no mais secreto da alma humana e observa com atenção e afectividade o bater do coração nos seus múltiplos aspectos e contrastes. A complexa observação da mulher é uma das constantes no universo de Bergman, onde a figura masculina nunca atinge o grau de delicadeza e

generosidade da mãe ou da mulher. Bergman foi essencialmente um retratista de mulheres que adquirem uma dignidade e seriedade que raras figuras masculinas ostentam neste seu universo muito pessoal. “Morangos Silvestres” tem como protagonista um homem, mas é a sua relação com as mulheres, a mãe, a namorada, a mulher, a nora, a governanta, a jovem a caminho de Itália que lhe marcam o percurso. O seu jubileu só será merecido depois de ter passado pela teia de recordações e de sonhos que o povoam durante essa jornada.

As interpretações são portentosas de rigor, a fotografia um esmero na criação de atmosferas (que vão do surrealismo e do expressionismo de certas cenas, até um naturalismo que relembra certos clássicos suecos da época do mudo), a direcção artística é sóbria, mas exemplar. As anotações de Bergman para definir personagens e situações são inteligentes e brilhantes. A presença do cigarro, do charuto, do cachimbo para indiciar preconceitos e aproximações é de uma subtilidade magnífica. O jogo do claro-escuro, entre a noite e o dia, entre sonho e realidade, entre ameaça e clareza, é sempre muito bem dado. Não há um pormenor insignificante, mas não há uma ostentação, um sublinhado excessivo. Tudo na conta e na medida certas, para tornar esta obra um clássico intemporal, que se vê, ou revê, hoje com o mesmo, ou maior, prazer com que foi visto há 50 anos.



MORANGOS SILVESTRES

Título original: Smultronstället ou Wild Strawberries (inglês)

Realização: Ingmar Bergman (Suécia, 1957); **Argumento:** Ingmar Bergman; **Produção:** Allan Ekelund; **Música:** Erik Nordgren, Göte Lovén; **Fotografia (p(b)):** Gunnar Fischer; **Montagem:** Oscar Rosander; **Design de produção:** Gittan Gustafsson; **Guarda-roupa:** Millie Ström; **Maquilhagem:** Nils Nittel; **Assistente de realização:** Gosta Ekman; **Departamento de arte:** Karl-Arne Bergman; **Som:** Aaby Wedin; **Companhia de produção:** Svensk Filmindustri; **Intérpretes:** Victor Sjöström (Dr. Isak Borg), Bibi Andersson (Sara), Ingrid Thulin (Marianne Borg), Gunnar Björnstrand (Dr. Evald Borg), Jullan Kindahl (Agda), Folke Sundquist (Anders), Björn Bjelfvenstam (Viktor), Naima Wifstrand (Mrs. Borg, mãe de Isak), Gunnel Broström (Mrs. Alman), Gertrud Fridh (Karin Borg, mulher de Isak), Sif Ruud (Tia Olga), Max von Sydow (Henrik Åkerman), Gunnar Sjöberg, Åke Fridell, Yngve Nordwall, Per Sjöstrand, Gio Petré, Gunnel Lindblom, Maud Hansson, Ann-Marie Wiman, Eva Norée, Lena Bergman, Monica Ehrling, Peder Hellman, Ulf Johansson, Göran Lundquist, Wulff Lund, Gunnar Olsson, Vendela Rudbäck, Per Skogsberg, Helge Wulff, etc.

Duração: 91 minutos.